

# Sumário

**PREFÁCIO, 9**

**MENSAGEM NA GARRAFA**

**OU O PROBLEMA QUE MOVE ESTA PESQUISA, 13**

**INTRUSO: O LITORAL E AS MANEIRAS, 25**

**BIOPOLÍTICA A TODO VAPOR: COMO ENCONTRAR**

**A POSSIBILIDADE DE RESISTIR, 29**

FAZER VIVER – ONDA DISSOLVENTE, 30

DEIXAR MORRER – ROCHA ESTURRICADA, 35

RESISTIR, INSISTIR E PERDURAR – FURANDO A ONDA  
E SURFANDO A ROCHA, 42

NÃO BATER DAS PERNAS, SE NADA, 49

SHORE – O MAR ENGOLE E DEVOLVE, A AREIA ENVOLVE  
E DESFAZ, 55

**A VIDA E A OBRA DE ARTE – O PARADOXO DE CRIAR**

**INSTABILIDADES PERENES (TERCEIRAS MARGENS DE RIOS), 65**

A FAÍSCA E OS INCORPORAIS – VIDA E ACONTECIMENTO, 66

O QUE SE SUSTENTA DE PÉ SE APRESENTA – COMO CONSERVAR  
EXPLOSÃO, 82

ARTE E VIDA FAISCADAS: FRENESI SEM DESCANSO QUE INCITA  
A CRIAÇÃO, 96

**DA TETRAVALENTIA ESTÉTICA, 103**

NÃO SEI SE DESFALEÇO OU ME REFAÇO, 106

NÃO HORIZONTE: PONTAS DE LANÇA E PEITO ABERTO, 112

PÉS DE BARRO, MÃOS FIRMES, PELE QUENTE E CORAÇÃO CÁLIDO, 116

CAMPO DE BATALHA – CARTOGRAFIA E COMBATE (CENA), 119

VIVAZES CORTES, 122

**RASPAS E RESTOS QUE INTERESSAM, 143**

MUTAÇÕES INDELÉVEIS, 144

FRIÁVEL CONSISTÊNCIA OU O MOVIMENTO AFINAL, 150

**REFERÊNCIAS, 157**

**ANEXOS, 165**

**AGRADECIMENTOS, 173**

## Prefácio

A propósito, este livro se destina aos desavisados. É a quem costuma ser pego por improvisos que a leitura de *Vida e arte – criação na borda, no balanço paradoxal* parece ser mais indicada. Não que não seja recomendado àqueles que sabem muito bem o que querem quando buscam um livro – a estes, um outro tipo de sorte. O certo é que Gabriel Alvarenga, bom nessas coisas de engenharia minúscula, oferece-nos sua engenhoca, um delicioso texto repleto de entradas e saídas, *plugins* que nos levam a encaixes os mais diversos e inusitados. Logo nas primeiras páginas, o leitor provavelmente já entenderá do que trata sua maquinaria, ou ao menos como ela funciona. Trata-se de um pensamento nômade, em trânsito, potencialmente conectável a tudo que aumenta sua capacidade de agir. Um conceito filosófico, um excerto literário, uma melodia popular, uma imagem qualquer extraída do cotidiano – vida e arte se contorcem como o pano espremido e enxugado pelas mãos da lavadeira na beira da lago. Ainda que indócil, um gesto úmido de beleza. Será esta uma boa imagem para a escrita deste livro?

O certo é que a beira – de um lago, de uma escrita –, por mais branda que pareça ser, já nos traz toda a vertigem que há em uma borda. A lavadeira, ou mesmo a pequena criança que brinca no ir e vir das marolas, está diante de um precipício. O canto das lavadeiras é sobretudo um canto de abismo. O salto desordenado e lúdico da criança sobre a onda é um pulo de desespero. Salto de alegria e de enfrentamento. Seus pés então afundam na areia molenga insistentemente cavoucada pela água, uma armadilha de difícil saída e que exige do corpo ainda franzino um esforço imediato diante da nova onda que ao longe já se anuncia. Um gesto ético de insistência, imagem que me parece apropriada ao livro que hoje temos em mãos.

Como a criança, Gabriel Alvarenga sabe dos pulos. Com ele aprendemos que o salto é necessário, assim como a resistência a que somos submetidos. Suas pernas, vigorosas que são, denunciam o tónus de sua escritura e nos mostram quão caminhante uma *escrivida*, esta escrita-vida, pode também vir a ser. Com ela o leitor se sente um verdadeiro *flâneur*. De toda forma, um *flâneur* todo especial, obstinado por práticas de liberdade diante de um cotidiano arquitetado para que não se possa viver a vida enquanto experiência de criação. É na cidade, diante desse Império do sujeito desperto e avisado a todo momento acerca do que deve gostar, amar, pensar, engolir, transar, vomitar..., que os pés e pernas de sua escrita transitam. Talvez, mais do que *flâneur*, um texto-*parkour*, que não se furta aos obstáculos, mas que com estes compõe seu trajeto. Gabriel Alvarenga salta por superfícies ora mais íngremes, ora mais suaves. O certo é que faz da velocidade sua grande aliada. Seu texto tem uma velocidade movente, ao contrário das cidades, que, velozes que são, nos engolem em bruscas e famintas colheiradas.

A leitura do livro nos faz pensar no modo como entramos nesse grande cardápio contemporâneo de vidas velozes e prontas para levar. Em um mundo *a la minuta*, de anestésicas subjetividades e de paixões anesthesiadas, Gabriel Alvarenga aposta na força do afeto enquanto potência subversiva, afeto que traz o corpo na relação com o outro, na borda do mundo e do imaginário. Nesse sentido, trata-se de livro de beiras. A psicologia então ganha um lugar todo especial, assim como a filosofia e a própria literatura. Não há mais sentido em psicologizar ou filosofar ou escrever sobre o mundo. O desejo, não mais como falta ou metáfora, passa a ser o exercício da liberdade prática diante das forças, velocidades e anestésias que nos beiram. Na leitura do livro descobrimos que a potência do desejo não está em tornar visível ou denunciar aquilo que é individual, mas em seu desalojamento, naquilo que nos coloca na borda do mundo, conectável às forças agentes e vivas de uma multiplicidade coletiva. Como *parkour* que é, o desejo tem pés, tónus e pernas, e como tal, salta, esfrega, cai, transita, compõe e também se bate *com* o outro.

Chegamos, então, ao sentido político do livro. O leitor, na segunda metade do texto, acabará por se deparar com o afeto enquanto tática de guerrilha, maquinaria de guerra. No entanto, suas armas são outras. Em vez do ódio, Gabriel Alvarenga nos oferece o amor, a graça, o abraço, a petulância, a coragem, a ternura; imagens outrora romantizadas, mas que ganham uma nova tonalidade, um outro salto. É neste momento que a literatura é assumida abertamente, mais especificamente a de Clarice Lispector, Chuck Palahniuk, Raduan Nassar e Stela do Patrocínio. Uma linha de frente e tanto. É quando tudo fica mais perigoso. Um novo giro ao texto e à forma como nos deslocamos nas bordas destes conceitos até então bem acomodados. Em vez de máscaras, a escrita-*parkour*-guerrilheira ganha fone de ouvido e uma *playlist* admirável – Cazusa, Zeca Baleiro, Led Zeppelin, Astor Piazzolla, Elis Regina, Morphine, Secos e Molhados, Los Hermanos... Além dos escritores e filósofos, a uma série de canções somos expostos, fazendo-nos, de meros leitores, sujeitos potencialmente vulneráveis. Vulneráveis aos afetos. Vulneráveis aos encontros. Vulneráveis à ficção. Vulneráveis ao desejo. Vulneráveis ao balanço do mundo.

Na leitura do livro, descobrimos o que provavelmente já sabíamos, mas que, por pontos acima mencionados, insiste em se fazer anestesiado: *viver é perigoso, mas é inevitável*. Ao menos é tudo o que se tem quando se vive na borda. E não será mesmo tudo uma borda? É o que este belo livro de Gabriel Alvarenga nos provoca a pensar.

*Luciano Bedin da Costa*  
Porto Alegre, outono de 2014